

Paradigmas interferenciais no galego exterior zamorano*

Fred Boller¹
Universität Kiel

1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A DIALECTOLOGIA E O CONTACTO LINGUÍSTICO

Depois de ter tido ocasião, em Setembro de 1992, no *Colóquio da Lusitanística e Catalanística germanófonas de Berlim*, dentro da secção dedicada à *língua, literatura e cultura da Galiza*, de apresentar na sua fase inicial um projeto de investigação dialectológica para esclarecer o escalamento de isoglossas na zona de contacto galego-português-espanhola (GPS), gostaria de discutir agora alguns resultados concretos da pesquisa realizada. Segundo a descrição resumida da nossa secção do galego, decorre da situação particular da Galiza entre as culturas e línguas iberorromânicas quase forçadamente a pergunta pela natureza do contacto linguístico entre o galego e o castelhano ou o português, o que pode conduzir no caso extremo à “criação de novas variedades linguísticas no campo de tensão das línguas de contacto envolvidas”². Agora, a ênfase na perspectiva específica da investigação do contacto linguístico não é nada nova, mas requer uma análise interlingual que às vezes não se coaduna com uma tendência oposta à extrema especialização de alguns representantes

* Data de aceptación: marzo de 1995.

¹ Este artigo é a tradução em língua portuguesa da conferência “Interferenz-paradigmen im Galego exterior zamorano”, apresentada pelo autor na secção *O galego: Entre lusitanística e hispanística* do *Dia da Hispanística Alemã* celebrado em Bonn (Alemanha) do 2 ao 4 de março de 1995.

² Compare a descrição resumida da secção para o galego: entre lusitanística e hispanística sob a direcção de J. KABATEK e D. KREMER.

da nossa disciplina. Assim, é preciso constatar, com respeito à dialectologia, que as numerosas descrições linguísticas e dialectais se concentram na investigação de um sistema linguístico ou de um dialecto aparentemente isolado sem integrar ou até pôr no centro da investigação a perspectiva da possível influência mútua de duas línguas ou dialectos vizinhos³.

A investigação do contacto linguístico oferece ao linguista a possibilidade de enriquecer o nível da descrição de uma língua singular pela perspectiva *pluridimensional* da mistura linguística nas zonas de contacto. Uma situação de contacto linguístico pode gerar-se dentro de um sistema linguístico que adopta novos elementos do primeiro através da sobreposição de um segundo⁴, ou ser causada nas regiões limítrofes pela proximidade de línguas vizinhas. A mistura linguística assim configurada manifesta-se com respeito ao nível fonético-fonológico na utilização de particularidades articulatórias da língua de contacto, no sistema gramatical pela combinação de morfemas de origem distinta e, ainda, no nível do léxico na medida em que se integram palavras inteiras ou elementos lexicais no vocabulário original. Os níveis da investigação do contacto linguístico correspondem em princípio aos das línguas singulares envolvidas, abrangem no entanto pelo menos um estudo das variações *diatópica* e *diacrónica* que pode ser enriquecido pela análise das variações *diatrática* e *diafásica*, quando o objecto de investigação o permite. Considerando a forte mutabilidade dos parâmetros de investigação aqui apresentados, parece proveitoso examinar a variação do nível em questão mantendo os outros constantes. Só assim será possível atribuir com certeza uma particularidade linguística encontrada a um nível de variação determinado e pô-la em oposição com fenómenos vizinhos.

No centro da nossa pesquisa, figurava uma descrição em primeiro lugar *sincrónica* da variação *diatópica* na zona de contacto galego-português-espanhola (GPS). A interpretação das condições *sincrónicas* efectuou-se no entanto recorrendo a tendências da evolução *diacrónica* que possibilitavam uma apreciação diferenciada da dinâmica dos sistemas linguísticos existentes. A natureza específica da zona investigada obrigou-nos a fazer abstracção de uma análise das variações *diatrática* e *diageracional*, visto que o informante dialectal típico pertencia à camada social dos lavradores na geração dos avós. Excluiu-se finalmente a possibilidade de uma variação *diafásica* pelo modo constante no levantamento dos dados. Esta perspectiva *monovariacional*, em parte intencional, em parte forçada pelas circunstâncias locais, enriqueceu-se consideravelmente na situação do contacto linguístico, que contribuiu para uma dosagem dos elementos linguísticos isolados que o investigador há de determinar reiteradamente. Por conseguinte, no contexto da fonética e morfologia *diacrónicas*, julgámos o grau inovador das variantes dialectais encontradas, que foi relacionado com o respectivo estado de desenvolvimento das distintas línguas iberorromânicas.

³ Este procedimento parece-nos particularmente típico dos projetos de investigação nacionais, que dão ênfase à descrição da própria situação linguística frente à língua dos vizinhos.

⁴ Uma tal situação diglossal predomina na Galiza, onde coexistem as duas línguas iberorromânicas, o galego e o mais prestigioso castelhano, de modo que uma pressão interferencial unilateral pode actuar sobre a língua galega.

2. BREVE CARACTERIZAÇÃO DO ESTÁGIO DA INVESTIGAÇÃO

A necessidade para a descrição dialectológica dos espaços dialectais de estrutura complexa no noroeste da Península Ibérica, onde se misturam elementos lusófonos com outros hispanófonos de uma maneira particular, foi reconhecida já há mais de cem anos pelo dialectólogo português VASCONCELOS. No seu artigo *Linguagens fronteiriças de Portugal e Hespanha*, VASCONCELOS estende a perspectiva de investigação à dimensão do contacto linguístico com o vizinho espanhol ou galego⁵. Parece-nos sumamente inovador o aspecto da influência linguística *recíproca* aquém e além das fronteiras políticas, fenómeno que levava a variedades linguísticas que VASCONCELOS qualificou de *idiomas intermédios*. Assim, insiste na averiguação do “grau de mistura” entre elementos galego-portugueses e leonês-castelhanos nos falares fronteiriços divergentes. Outra contribuição significativa à etnografia espanhola e portuguesa nos é fornecida pelo hispanista alemão KRÜGER em 1925, com a sua *Gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete* e com o artigo contrastivo *Mezcla de dialectos* em que analisa as aldeias fronteiriças arcaizantes *Hermisende, La Tejera, Calabor, Santa Cruz de Abranes e Ríonor de Castilla* no extremo sul do vale de *Sanábria* da província de *Zamora*, na proximidade imediata da fronteira portuguesa⁶. KRÜGER sublinha a marcada heterogeneidade dos fenómenos linguísticos encontrados, que por sua vez mostram típicas vacilações no uso local e quase impossibilitam uma caracterização linguística inequívoca ou até uma classificação dialectológica. Este conhecimento levou-o a aceitar a existência de *dialectos misturados (Mischdialekte)*, que mostravam respectivamente uma composição diferenciada de distintos elementos linguísticos. O mesmo KRÜGER pôde ainda mostrar que a posição da zona de contacto dos elementos galego-portugueses e leonês-castelhanos não foi determinada pelas fronteiras políticas (*Ourense – Vinhais – Zamora*), mas localizava-se sim inteiramente no território espanhol. Uma importante monografia acerca do dialecto galego-português de *Lubián* foi redigida em 1954 por CORTÉS Y VÁZQUEZ, que determina no seu trabalho a extensão do substrato galego na província de *Zamora*. A linguista portuguesa SANTOS fornece na sua extensa obra acerca dos falares fronteiriços de *Trás-os-Montes*⁷ uma descrição detalhada da fonética, morfologia, sintaxe e léxico dos espaços dialectais examinados. SANTOS também prossegue com continuidade a perspectiva do contacto linguístico e explica determinados fenómenos referindo-se à possível ou evidente influência pelo vizinho galego ou leonês-castelhano. A tese de doutoramento de FERNÁNDEZ REI, terminada em 1979, compreende-se como contribuição à

⁵ VASCONCELOS 1902, *Linguagens*, p. 133: “Percorrendo-se as fronteiras portuguesas, tanto a oriental como a septentrional, descobrem-se do lado de cá certos fallares que participam dos caracteres hespanhoes ou gallegos, conforme as regiões, e do lado de lá outros fallares que participam dos caracteres portugueses, ou pertencem mesmo totalmente ao dominio linguistico de Portugal.”

⁶ KRÜGER 1925, *Mezcla*, p. 126: “Lo que llama la atención, además de la diferenciación dialectológica, es el carácter conservador que distingue a los dialectos inmediatos, y más particularmente frente al sanabrés propiamente dicho.”

⁷ Maria José de Moura SANTOS: *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, Separata da Revista Portuguesa de Filologia XII, Instituto de Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1967.

geografia linguística galega e dirige a atenção do leitor para a morfologia do verbo que o autor descreve nas suas diversas manifestações recorrendo a material dialectal da Galiza inteira. O *Atlas Lingüístico Galego (ALGa)* acerca da morfologia verbal da língua galega, publicado em 1990 pelo *Instituto da Lingua Galega (ILG)*, apresentou pela primeira vez uma visão coerente da variação *diatópica* no noroeste da Península Ibérica.

3. APRESENTAÇÃO DO ATLAS LINGÜÍSTICO REGIONAL DA ZONA DE CONTACTO GALEGO-PORTUGUÊS-ESPAHOLA (ALGPE)

O *Atlas lingüístico regional da zona de contacto galego-português-espanhola (ALGPE)*, que se estende da *Serra do Canizo* no oeste à *Portela de Padornelo* no leste e da *Penha Trevinca* no norte à *Serra da Coroa* no sul, apresenta o material dialectal recolhido em 1991 numa transcrição fonética facilmente legível, baseada na simbolização do *Alfabeto Fonético Internacional* adaptada de tal maneira às condições linguísticas encontradas, que se pôde descrever convenientemente o conjunto dialectal das três línguas iberorromânicas envolvidas. A confecção de um mapa linguístico baseado numa transcrição fixada pela *International Phonetic Association (IPA)*⁸ exige a compilação de um conjunto de caracteres apropriado em dois ou três níveis. Com vista a um manejo facilitado, recomenda-se escolher somente os símbolos de transcrição necessários para a representação do material dialectal. Uma vez definido o conjunto de caracteres, integra-se como qualquer outra escritura no sistema do computador e mantém-se disponível em todos os programas. O mapa linguístico do tipo *AFI* visualiza, em contraposição ao *mapa simbólico*, as amostras inteiramente transcritas posicionadas mediante um documento seriário⁹ num *mapa básico*. Este procedimento já parece dispendioso demais para a representação de meros tipos lexicais, enquanto as diferenças morfológicas e fonológicas se impõem de maneira adequada. Para que a variação *diatópica* dos morfemas e fonemas analisados se possa distinguir bem, é possível salientar determinados fenómenos em *bold* ou em itálico ou marcá-los com isomorfias ou isófonas. O mapa linguístico do tipo *AFI* não precisa de uma legenda adicional e é – pressupondo-se o conhecimento do alfabeto de transcrição *AFI* – fácil e rapidamente legível, porque o conjunto de caracteres emparelha os símbolos fonológicos básicos só com um diacrítico fonético ou prosódico.

As técnicas de procedimento no tratamento de dados linguísticos permitiram-nos o desenvolvimento de um tratamento computarizado do material dialectal foneticamente

⁸ INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION: "Report on the 1989 Kiel Convention", no: *Journal of the International Phonetic Association*, 19, 1989, p. 67-80

⁹ Um documento seriário é a parte *constante* de uma série de mapas na qual as partes *variáveis* são representadas por códigos que por sua vez permitem a distribuição dos dados dialectais atualizados pelo abastecimento sucessivo de um banco de dados idênticamente estruturado. Acerca da definição e da terminologia compare também com *Microsoft Word Manual do Utente, Versão 5.0. Programa de tratamento de textos para o Apple Macintosh*, Microsoft Corporation 1991/92

transcrito. À hora de constituir um mapa linguístico, a representação realiza-se de uma maneira mais nítida, quando se diferencia entre a parte de dados *constante* e *variável*. Este procedimento possibilita uma disjunção das opções oferecidas no programa de tratamento de textos, como p.e. *WORD 5.1/MACINTOSH*, quando se activa o modo gráfico para a parte *constante* e o componente do banco de dados para a organização da parte *variável*. Dessa maneira geraram-se mais de 200 mapas linguísticos *analíticos*, imprimindo os mapas *temáticos* alimentados pelo banco de dados e configurados automaticamente nos mapas *básicos* mantidos constantes. Este procedimento permitiu a produção de mapas linguísticos sobre determinadas questões linguísticas agora facilmente interpretáveis. Por causa da clara disposição da parte variável dos dados, reconheceu-se imediatamente se um fenómeno fonético, morfológico ou lexical se distribuía de maneira *zoneada* ou *dispersa*. Quando uma particularidade articulatória aparecia numa área determinada, foi possível determinar e marcar o traçado de uma isoglossa. A totalidade das isófonas (IP), isomorfias (IM) e isoléxicas (IL) foi administrada num *índice de isoglossas* juntado ao atlas linguístico, o que possibilita assim o encontro directo de características escolhidas e a compilação de determinados mapas linguísticos para um fenómeno analisado. Dessa maneira, os mapas isolados foram agrupados segundo um tema específico e discutidos no comentário linguístico.

4. ALGUNS PARADIGMAS INTERFERENCIAIS NO GALEGO EXTERIOR ZAMORANO (GEZ)

Dentro do aspecto morfológico, a área da morfologia verbal desempenha o papel-chave porque se formaram *paradigmas híbridos* complexamente matizados. Trata-se de descrevê-los com respeito à sua variação *diatópica*, *diacrónica* e *estrutural*. É preciso ter em mira o problema da vitalidade diferenciada de determinadas desinências. Apoiando-se no *ALGa*, analisaram-se e cartografaram-se os verbos regulares de todas as conjugações e os mais importantes verbos irregulares no presente do indicativo (PI) e no pretérito perfeito simples (PPS). Partindo da constelação etimológica, tentou-se reconstruir as diversas linhas de desenvolvimento do latim clássico, passando pelas fases intermédias do latim vulgar e medieval até à situação contemporânea da norma linguística. Deste modo, foi possível apreciar melhor as variantes e os matizes dialectais encontrados.

4.1. O verbo regular <cantar>

Cantar é um verbo inteiramente regular da primeira conjugação em todas as três línguas iberorromânicas envolvidas. Por isso, oferece a possibilidade de analisar a variação diatópica das desinências e da alternância da vogal tónica que é típica para a região, sem variar a raiz verbal. No paradigma do PPS produzem-se divergências notáveis da norma, sobretudo no uso das desinências. Enquanto prevalecem na GPS para a 1ª e 3ª PS as formas do PPS [kan'tej] e [kan'tou], a vogal tónica e as desinências das demais pessoas variam de modo característico. Na 2ª PS, o étimo latino CANTAUISTI desenvolveu-se através de uma forma

intermédia do galego antigo *cantaste* na maior parte da Galiza, até a forma *cantache(s)*¹⁰ que se limita no GEZ ao grupo dialectal do *Porto*, situado no noroeste da *Serra Segundeira* (v. mapa GPS 113). Na IM GPS 21 efectua-se a passagem da desinência galega *-che(s)* à castelhana *-ste(s)* com a troca simultânea da vogal tónica de /a/ em /e/ nos grupos dialectais *Lubián e Hermisende*. As formas do plural no PPS comportam-se de modo análogo: para a 2ª PP, a IM GPS 23 (v. mapa GPS 115) delimita a extensão da desinência castelhana *-steis* que contrasta com a galega *-stes*¹¹. Dentro da área do GEZ existem portanto dois paradigmas do PPS independentes que se confrontam nos quadros seguintes:

Grupo dialectal do Porto

número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	[kan'tej̃]	[kan'taʃə]	[kan'tou]
plural	[kan'tamuʃ]	[kan'taʃtəʃ]	[kan'tarɔn]

Grupos dialectais de Lubián e Hermisende

número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	[kan'tej̃]	[kan'teʃtə]	[kan'tou]
plural	[kan'temuʃ]	[kan'teʃtej̃ʃ]	[kan'terɔn]

Esta característica é igualmente válida para os demais verbos regulares da primeira conjugação e mesmo para alguns verbos irregulares que terminam em *-ar*:

4.2. O verbo regular <voar>

O verbo VOLARE – *voar* é de um interesse dialectológico particular porque convergem nele simultaneamente mais de um processo de mutação fonético-fonológica. Assim, o verbo suscita uma análise da variação diatópica do fonema inicial, depois a vogal tónica pode ditongar em [-we-] no PI (raras vezes também no PPS) e finalmente permite apreciar o tratamento do fonema lateral intervocálico. Mesmo se a fase galego-portuguesa se distingue

¹⁰ FERNÁNDEZ REI 1990, *Dialectoloxía*, p. 87: “Hoxe *cantaches* e *cantache* repártense na maior parte do territorio galego; no mapa 33 pode verse unha maior concentración de formas con *-s* no occidente, así coma o avance desta forma sobre *[canta]che*, que se refuxia como forma única cada vez máis contra a parte oriental.”

¹¹ Encontra-se a indicação seguinte em FERNÁNDEZ REI 1990, *Dialectoloxía*, p. 90: “Na maioría do territorio galego a P⁵ dos perfectos presenta o sufixo *-stes* (*cantastes*, *collestes*, *partistes*), coa variante *-steis* nalgunha fala oriental (mapa 35).”

de maneira característica pela perda inovadora do elemento intervocálico sob conservação da vogal tónica não ditongada, podem subsistir formas arcaizantes numa zona de contacto linguístico. Os mapas GPS 067 e GPS 122 documentam este facto pela IP GPS 23 que caracteriza em *Lubián* (ZA 07) e *Padornelo* (ZA 10) amostras dialectais com o fonema lateral conservado. A análise das formas do singular no presente sem ditongação da vogal tónica mostra que se trata de formas verbais arcaizantes e que isso não pode ser causado por uma interferência castelhana moderna. Assim, verifica-se em *Lubián* e *Padornelo* o paradigma seguinte do presente:

Lubián (ZA 07) e *Padornelo* (ZA 10)

número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	['bolu]	['bolaʃ]	['bola]
plural	[bo'lamuʃ]	[bo'laɪʃ]	['bolan]

A análise dialectológica do verbo *voar / volar* evidencia que não se devem contrastar os resultados galego-portugueses com os outros leonês-castelhanos simplesmente numa perspectiva *sincrónica*. Cada critério fonético-fonológico (a redução galego-portuguesa do fonema lateral intervocálico, a ditongação leonês-castelhana da vogal tónica) desenvolveu-se independentemente e reflecte às vezes um estado linguístico arcaico que só pode ser explicado numa perspectiva *diacrónica*.

4.3. O verbo regular <vender>

O verbo *VENDERE* < *VENUM DARE* – *vender* pode ser considerado como protótipo de um verbo regular da segunda conjugação que permite, independentemente da raiz, uma investigação da variação da vogal tónica e das desinências associadas. Além disso, convida a uma análise da problemática da inicial com as possíveis realizações como oclusiva bilabial sonora ou fricativa labiodental sonora. Dois outros aspectos fonéticos são representados pelo grau nasal da vogal tónica e pelo seu tratamento metafónico. O fenómeno da *metafonia*, i.e. a articulação de uma vogal tónica fechada na 1ª PS do PI vs. realização aberta nas demais pessoas, pode-se demonstrar particularmente bem nos verbos da segunda conjugação. Como se trata de uma marca tipicamente lusófona, adjudicariámos a metafonia primeiro à língua portuguesa. No entanto, a valorização dialectológica do nosso material deu como resultado que no caso da GPS se manifestaram formas metafónicas também no galego. Em primeiro lugar, a IP GPS 25 visualiza no mapa GPS 083, que reproduz a variação diatópica das duas primeiras formas do PI, a presença de amostras dialectais metafónicas tanto no distrito de *Vinhais* como no lado galego. Enquanto que a vogal tónica em *Trás-os-Montes* se articula

ainda de modo claramente anasalado, perde-se a nasalidade imediatamente no terreno galego no caso da vogal tónica aberta, no entanto ela subsiste na vogal tónica fechada da 1ª PS aproximadamente até à *Portela da Canda*. As próprias formas metafónicas podem encontrar-se até ao norte da *Serra Segundeira*. É possível estabelecer uma hierarquia dos fenómenos interferenciais lusófonos, no sentido que a metafoia irradia muito longe, seguida pela articulação anasalada da vogal tónica fechada que por sua vez contrasta com a realização oral da vogal tónica aberta. No paradigma do PPS (cf. mapa GPS 139), o verbo *vender* mostra, abstraindo-se a passagem das desinências galegas às castelhanas marcada pela IM GPS 26, uma regularização interessante na vogal tónica. Embora a norma galega prescreva as desinências com um /-i-/ como /-i(n)/ e /-itʃəʃ/ só para a 1ª e a 2ª PS no PPS para os verbos da segunda conjugação frente às demais pessoas que mantêm a vogal tónica /e/, estende-se no galego da GPS a mesma alternância na vogal tónica às 1ª e 2ª PP. Este fenómeno alcança até mesmo *Pinheiro Novo* (VI 01), *Seixas* (VI 02) e *Moimenta* (VI 04) no lado português. Evidentemente esta interferência, provavelmente provocada por influência castelhana, não é uma característica exclusiva da GPS.

4.4. O verbo regular <colher>

Com a base de um étimo latino COLLIGERE – *colher*, as línguas iberorromânicas desenvolveram um verbo inteiramente regular da segunda conjugação que permite portanto um juízo sobre as particularidades específicas na zona de contacto investigada. Visto que as modificações fonéticas – excepto os elementos assilábicos – se limitam ao fonema lateral intervocálico que evoluiu no galego-português a uma lateral dorsopalatal (*coller*, *colher*), ou seja a uma fricativa dorsovelar surda no castelhano (*coger*), a análise linguística deste verbo possibilita uma caracterização exacta das variações *diacrónica* e *diatópica* da informação gramatical contida nas desinências. A vogal rizotónica do PI sofreu igualmente determinadas alterações nas formas finitas que suscitam uma avaliação de formas metafónicas e de ditongações esporádicas. Uma mudança morfológica particularmente estendida afecta a tendência à neutralização das distintas conjugações no PPS em grandes partes da Galiza¹². O mapa GPS 084 testemunha a alternância metafónica da vogal tónica nas formas finitas do PI em todo o território da nossa pesquisa¹³. A IP GPS 26 sinaliza no entanto a renúncia à metafoia em favor da vogal tónica uniformemente aberta em *Padornelo* (ZA 10). É típico da região a adaptação parcial do verbo *coller* / *colher* ao modelo de flexão da terceira conjugação no PPS que dá lugar ao seguinte paradigma verbal que prevalece na GPS:

¹² ILG/RAG 1989, *Normas*, p. 72: “Resumindo: a metade NO de Galicia neutraliza as conxugacións 2ª e 3ª nesta persoa dos perfectos fracos, (a) unhas veces a expensas da 2ª (*colliu* = *partiu*) e (b) outras veces a expensas da 3ª (*parteu* = *colleu*). A outra metade mantén etimologicamente diferentes os dous paradigmas: *colleu/partiu*.”

¹³ FERNÁNDEZ REI 1990, *Dialectoloxía*, p. 80: “As alternancias *o/ò* (*collo/ còlles*, *-e*, *-en*), *e/è* (*fervoffêrves*, *-e*, *-en*) son xerais en todo o galego.”

número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	[ku'li]	[ku'liʃə]	[ku'leu]
plural	[ku'limuʃ]	[ku'liʃtəʃ]	[ku'keron]

Enquanto a solução da norma galega no singular também é válida para a GPS, a vogal tónica muda na 1ª e 2ª PP do /e/ em /i/ ¹⁴. Este comportamento particular mostra-se ainda mais claramente como fenómeno interferencial nos lugares *Pinheiro Novo*, *Seixas* e *Moimenta* do lado português, onde a troca da vogal tónica fica marcada igualmente na 2ª PS perante a norma portuguesa do PPS (cf. mapa GPS 141). Além disso, nos grupos dialectais *Lubián* e *Hermisende* as desinências da 2ª P sofrem alterações características no PPS que afectam a conjugação inteira. As IM GPS 25/6 marcam uma área meridional do GEZ que combina os morfemas castelhanos /-iʃte(ʃ)/ e /-iʃteɪʃ/ com a raiz do perfeito galego-portuguesa em vez de usar as desinências galegas /-iʃə(ʃ)/ para a 2ª PS e /-iʃtəʃ/ para a 2ª PP.

4.5. O verbo regular <moer>

A variação diatópica das formas verbais derivadas do étimo latino MOLERE – *moer* é marcada pela perda galego-portuguesa do fonema lateral intervocálico e pela ditongação castelhana da vogal tónica. Além disso, pode-se caracterizar o parâmetro da metafoia, pouco investigado até agora, com o exemplo do verbo *moer*. Já para a 1ª PS produzem-se no PI com a base latina MOLO três resultados distintos nas línguas iberorromânicas envolvidas: gal. *moio*, port. *moo* e esp. *muelo*. Enquanto se efectuou no castelhano só a ditongação da vogal tónica, o resultado galego-português não se pode explicar facilmente. Depois da perda do fonema lateral intervocálico, a mudança fonética, conforme o desenvolvimento geral da língua, haveria conduzido no fundo ao resultado **mó* ¹⁵. Não obstante, o hiato manteve-se ou foi moderado pela inserção da semiconsoante palatal [-j-] para deixar funcionar *moer* como um verbo regularizado da segunda conjugação. Como se pode deduzir do mapa GPS 085, a GPS apresenta o resultado uniforme ['moju] para a 1ª PS no PI. Na 2ª PS a IM GPS 04 separa a forma verbal monossilábica [mɔjʃ] no distrito de *Vinhais*, *Manzalvos*, *San Ciprián* e *A Texeira* do bissílabo ['mɔjəʃ] ao norte desta linha. Assim, o seguinte paradigma do presente mostra-se típico para o galego da GPS:

¹⁴ Segundo a nossa pesquisa, a alternância na vogal tónica aqui apresentada também afecta o extremo sueste da província galega de Ourense (A Mezquita) que contrasta com a descrição seguinte de FERNÁNDEZ REI 1990, *Dialectoloxía*, p. 84: “Nas falas galegas de Zamora a VT da Pª e da Pª é *i* (*collimos*, *-istes*). No concello da Mezquita, da área do galego zamorano, a VT é a do galego común (*collemos*, *-estes*).”

¹⁵ Compare-se a argumentação no ILG/RAG 1989, *Normas*, p. 81

número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	[ˈmoju]	[ˈmojəʃ]	[ˈmojə]
plural	[muˈemuʃ]	[muˈeɪʃ]	[ˈmojən]

A metafonia portuguesa entre a vogal tónica fechada na 1ª PS ([ˈmoju]) e a vogal tónica aberta nas demais pessoas rizotónicas ([mo̞i̞], [mo̞i̞], [ˈmo̞i̞]) transmite-se no paradigma do presente galego até uma zona delimitada pela IP GPS 26a (v. mapa GPS 085). Só ao norte da *Serra do Canizo* e a leste do *Rio Tuela*, mas ao norte da *Serra da Teixeira*, abandona-se a metafonia em favor de uma vogal tónica uniformemente aberta. Na metafonia aqui representada, trata-se de uma subtil interferência lusófono no espaço linguístico galego porque não é ligada a uma lusomorfia simultânea.

4.6. O verbo regular <sair>

A análise do verbo *sair/sali*, pertencente à terceira conjugação, possibilita uma apreciação exacta das tendências do desenvolvimento do /-L-/ intervocálico numa zona de contacto linguístico onde a inovação galego-portuguesa da redução do elemento intervocálico encontra formas verbais conservadoras do tipo castelhano com o fonema lateral mantido. Na língua galego-portuguesa efectuou-se a mutação fonética da redução do /-L-/ intervocálico o mais tardar nos séculos X e XI. No entanto, a perda do elemento intervocálico só sucedeu parcialmente no galego. Assim, regiões conservadoras com formas verbais que mantêm o fonema lateral contrastam com áreas mais inovadoras que o reduziram inteiramente. Dentro do espaço linguístico galego, a metade meridional (*Ourense*, sudeste de *Pontevedra*, GEZ) realizou a inovação lusófona, enquanto que as províncias setentrionais *A Coruña* e *Lugo* conservam o elemento intervocálico ¹⁶. No galego da GPS o /-L-/ intervocálico foi reduzido principalmente nas formas do presente. Contudo, as desinências apresentam às vezes um polimorfismo característico da terceira conjugação. Assim, a IM GPS 08 delimita ao norte da *Serra Segundeira* uma área com vogal tónica alargada na 2ª PP (cf. mapa GPS 091), enquanto a IM GPS 07a marca uma zona entre as *Portelas* onde a desinência da segunda conjugação /-eɪʃ/ se junta à raiz do presente /sa-/. As desinências arcaicas /-i̞ðəʃ/ ou /-i̞ðʃ/ podem encontrar-se ainda em *Manzalvos* (OR 03) e *Seixas* (VI 02). No PPS acumulam-se formas inesperadas com a lateral intervocálica ou a semiconsoante palatal conservada. No mapa GPS 157, a IP GPS 23a testemunha a presença do elemento intervocálico do oeste da *Portela de Padornelo* e em *Vilanova da Serra* (ZA 04). Como esta aldeia se encontra a oeste da IM GPS 28 que diferencia as desinências, forma-se lá o seguinte paradigma híbrido:

¹⁶ Compare-se FERNÁNDEZ REI 1990. *Dialectoloxía*, p. 100

Vilanova da Serra (ZA 04)

número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	[ʃa'li]	[ʃa'liʃə]	[ʃa'liŋ]
plural	[ʃa'limuʃ]	[ʃa'liʃtəʃ]	[ʃa'liɾən]

Em contrapartida, existe uma zona entre as *Portelas* onde a raiz do perfeito galega sem o lateral intervocálico já se combina com as desinências castelhanas, como prova a forma verbal para a 2ª PP [ʃa'liʃtəʃ] (cf. mapa GPS 157).

4.7. O verbo regular <durmir>

A diversidade das formas finitas normativas e dialectais do verbo *durmir* / *dormir* encontra a sua causa no étimo latino DORMIRE com o /o/ aberto. No desenvolvimento fonético continuado, o /o/ latino aberto provocou diversas modificações que conduziram no galego-português a formas metafónicas e no castelhano à ditongação nas formas rizotónicas. Produziram-se naturalmente complicações fonéticas nos verbos latinos oferecendo um /o/ fechado ou um /u/ aberto (p.e. COPERIRE, CONSPUERE, RUGIRE, SUFFERRE, TUSSIRE) sem realizar a mudança da vogal tónica nas formas rizotónicas. Não obstante, os verbos latinos de origem erudita com o /u/ aberto ou fechado (p.e. FUNDERE, URGERE, NUTRIRE) confundem-se no paradigma do presente metafónico e deram lugar a processos de nivelação. Além disso, um cruzamento das tendências *diacrónicas* com a coexistência *sincrónica* dos fenómenos isolados dificulta a apreciação da variação *diatópica* na área do levantamento. Nem sequer é possível excluir que o mesmo falante trate os verbos da mesma conjugação de maneira diferente¹⁷. Geralmente pode-se averiguar no galego contemporâneo uma clara tendência à regularização no sentido de uma adaptação ao vocalismo da 1ª PS e do conjuntivo. No português, o elemento metafónico parece ser mais arraigado, mas o perigo da nivelação analógica aumenta precisamente nas zonas de contacto linguístico. A regularização do paradigma presente realiza-se em favor da vogal tónica fechada /u/, conforme a evolução antecipada pelas formas arrizotónicas da 1ª e 2ª PP¹⁸. Os mapas GPS 096/7 evidenciam o estado das tendências apresentadas no contacto galego-português. Enquanto o lado português mantém inteiramente intacto o paradigma do presente metafónico, a regularização é praticamente acabada no GEZ, dando lugar às seguintes formas verbais:

¹⁷ Ao mesmo resultado chega FERNÁNDEZ REI 1990, *Dialectología*, p. 81: "Non se poden delimitar áreas de alternancia u/ò entre formas como *subo/sòbes*, *durmo/dòrmes*, *fluxo/fòxes* porque esta alternancia existe ou non segundo o verbo (moitos falantes din *dòrmes*, pero *subes*) e segundo a idade do informante."

¹⁸ ILG/RAG 1989, *Normas*, p. 89: "Polo contrario, os verbos que no galego antigo tiñan o no radical mudárono en u nas formas arrizotónicas."

número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	[ˈdurmu]	[ˈdurməʃ]	[ˈdurmə]
plural	[durˈmimuʃ]	[durˈmiʃ]	[ˈdurmən]

No entanto, a IP GPS 27a marca uma faixa estreita no território galego entre a *Serra do Canizo* e a *Serra Rabo de Gato* como zona conservadora porque se manteve lá a alternância na vogal tónica ([ˈdurmu/ˈdurməʃ]). Como de costume, a 2ª PP do PI (cf. mapa GPS 097) mostra um especial *polimorfismo* provocado em primeiro lugar pela ligação da raiz do presente átona com as mais diversas desinências. Assim, a IM GPS 07 distingue uma variante [durˈmeiʃ] com a desinência castelhana da segunda conjugação de uma forma normativa galega [durˈmi(ðə)ʃ], separada adicionalmente pela IM GPS 08 de variantes com vogal tónica alargada ao norte da *Serra Segundeira*. O grupo dialectal de *Hermisende*, finalmente, decide-se em favor da realização castelhana [dorˈmimuʃ/dorˈmiʃ] que contrasta com as formas rizotónicas em /u/. Nos tempos perfeitos mantém-se porém a raiz pretónica /dur-/.

4.8. O verbo regular <andar>

No caso normal, o verbo *andar*, baseado no étimo latino *AMLARE (< AMBULARE), representa no galego-português o protótipo de um paradigma regular da primeira conjugação. No entanto, o perfeito pode enriquecer-se, sobretudo em zonas de contacto linguístico, pela infixação facultativa de /-uv-/ ou /-iv-/. Como só as formas regulares são documentadas nos estados medievais, a infixação pode ser considerada como elemento inovador. Trata-se de uma analogia com as formas perfeitas do verbo *estar* construídas no galego-português com o infixo /-iv-/ e no castelhano com /-uv-/. Mesmo quando não é possível destacar uma área compacta da infixação do verbo *andar* no PPS, pode-se reter para a GPS (cf. mapas GPS 166/7: IM GPS 29/a) que o noroeste mostra provas com o infixo /-uv-/, enquanto o sudeste conserva o antigo estado linguístico¹⁹. Por isso, chega-se a uma zona compacta dos grupos dialectais *Lubián* e *Hermisende* junto com o distrito de *Vinhais* que não apresenta a infixação. Este resultado contrasta claramente com a distribuição das desinências, como documentam as IM GPS 31/2. Na zona entre as *Portelas*, mas só ao sul da *Serra Segundeira*, combinam-se raízes verbais sem infixo com desinências castelhanas, dando lugar a formas híbridas como [anˈdeʃteʃ] e [anˈdeʃteiʃ]. Em *Hedroso* (ZA 08), só a vogal tónica /e/ revela a composição heterogénea e permite a distinção do castelhanismo puro.

¹⁹ ILG/RAG 1989, *Normas*, p. 70: “Espallados irregularmente, sen formar áreas compactas (convivendo ás veces nunha mesma localidade e mesmo nun individuo), ó lado das formas regulares (*andei, andaches... andara..., andase...*) aparecen paradigmas irregulares no tema de perfecto: *andiven, andiveches... andivera..., andivese...* (anáxico de *estiven*, etc.), ou *andoven, anduveche..., anduvera..., anduvese...* (anáxico de *estoven, estuveche*, etc.).”

4.9. O verbo irregular <ir>

Devido ao seu *supletivismo*, o verbo irregular *ir* oferece-nos muitas facetas. A união complementar de formas verbais com distinta etimologia (lat. *VADERE, IRE, AMBULARE*) e com semântica semelhante a um grupo formalmente fechado produziu-se porém de modo variado nas línguas e dialectos iberorromânicos. Assim, as formas do presente no espanhol contemporâneo remontam ao lat. *VADERE*, enquanto o imperfeito se baseia no lat. *IRE*. Em contrapartida, o galego-português cruza *VADERE* e *IRE* já no PI. O mapa GPS 101 documenta o aspecto polifacético deste “*supletivismo de contacto*” (gal. *imos - ides* / port. *vamos - ides* / esp. *vamos - vais*) com quatro zonas verticais: a IM GPS 12 separa [‘imuʃ] de [‘bamuʃ] ao longo da fronteira provincial entre *Ourense* e *Zamora* e continua com a *Serra da Coroa* no distrito de *Vinhais*. O GEZ opta pelo par verbal inovador [‘bamuʃ/‘ide(ɨ)ʃ] (IM GPS 13), e *Chanos* (ZA 06), *Padornelo* (ZA 10) substituem [‘ide(ɨ)ʃ] pelo [baɨʃ] castelhano (IM GPS 14). No PPS cruzam-se as raízes /fu-/ e /fo-/ num só paradigma. As formas etimológicas [‘futʃə(ʃ)] e [‘fuʃte(ʃ)] conservam-se na GPS²⁰ (cf. mapa GPS 181: IP GPS 28a) e podem ser identificados no distrito de *Vinhais* como interferência galega no português.

4.10. O verbo irregular <ouvir>

O infinitivo latino *AUDIRE* – *ouvir* e as demais formas arrizotónicas (*audimus, audiebam, audivi, ...*) tinham perdido o /-d-/ intervocálico já na época da formação do galego-português, chegando por conseguinte ao infinitivo *ouir* (*ouimos, ouía, ouí, ...*). Ora, a sequência *ou + vogal* representa um tritongo inestável dando lugar a múltiplas variantes articulatórias. Uma possibilidade reside na redução completa do segundo elemento vocálico transformando *ouir* em *oír*: Toma-se outro caminho quando os órgãos articulatórios (lábios ou dorso da língua / velo) se aproximam na fronteira silábica. Deste modo, podem-se restituir as seguintes linhas de desenvolvimento:

- | |
|--------------------------------------|
| a) [oụ'ir] > [oụ'βir] > [oụ'vir] |
| b) [oụ'ir] > [oụ'ɣwir] > [oụ'ɣir] |

O mapa GPS 103 documenta a variação diatópica no contacto galego-português. Disso resulta que se diferenciam tanto no presente como no perfeito as raízes verbais /ɔ'i-/ ao oeste frente a /oụ'vi-/ ao leste – com a excepção do enclave comum do *Porto* (ZA 01) – ao longo da linha *Serra Segundeira – Portela da Canda – Serra da Coroa*.

4.11. O verbo irregular <pôr>

Sucedem condições particularmente complicadas no verbo irregular *PONERE* – *pôr* por causa da ambivalência da perda e conservação do /-N-/ intervocálico. Só no galego

²⁰ ILG/RAG 1989, *Normas*, p. 104: “No galego antigo a forma máis documentada (dentro da escaseza de documentacións) é *fuste*, con raíz *fu-* xustificada etimoloxicamente polo -i (*fusti). As formas modernas con *fo-* débense a unha nivelación analóxica con *fomas, fostes, foron, fora*, etc.”

formou-se um duplete morfológico com o resultado arcaizante *poñer* e a continuação do desenvolvimento inovador até *pór*. De facto, a variante progressiva *pór*, baseada numa mudança fonética o mais tardar dos séculos X e XI, equivale à norma portuguesa *pôr*; e não é surpreendente encontrar-se uma vasta divulgação justamente nas províncias galegas meridionais *Ourense* e *Pontevedra*. Conservaram-se até hoje também formas transitórias do galego antigo, ainda com desinência tónica, como *pōér* e *poér* p.e. no galego asturiano. Enquanto ambas as linhas de desenvolvimento conduzem no singular do PI aos resultados idênticos *poño*, *pos*, *pon*, produz-se uma separação no plural nas formas com desinência tónica como *poñemos* e *poñedes* frente à alternativa rizotónica *pomos*, *pondes*, *pon*. Na GPS o ditongo [ɔĩ] da 2ª PS e 3ª PP revela formas transitórias bissilábicas, dando lugar ao seguinte paradigma verbal:

número	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	[ˈpoɲu]	[pɔĩʃ]	[pɔŋ]
plural	[ˈpomuʃ]	[ˈpɔndəʃ]	[pɔĩŋ]

Parece-se com o modelo de conjugação português na sua forma “desnasalada”. Naturalmente surgem de modo isolado formas verbais com desinência tónica [puˈɲemuʃ] e [puˈɲeĩʃ] (p.e. em *Esculqueira* e *Manzalvos*), como mostra o mapa GPS 104. Entre as *Portelas*, a IM GPS 13 documenta ainda amostras rizotónicas com desinência castelhana do tipo [ˈpɔndeĩʃ]. A *Texeira* (ZA 14) transforma as influências existentes na 2ª PP até a forma endémica [ˈpɔindeʃ].

4.12. O verbo irregular <saber>

As formas verbais derivadas do lat. *SAPERE* – *saber* comportam-se analogicamente ao cunho morfológico do verbo *caber*. Particularmente na 1ª PS do presente, os numerosos desenvolvimentos paralelos causam uma abundância de variantes nos sentidos diacrónico e diatópico. A análise das raízes do perfeito de *SAPERE* na GPS (v. mapa GPS 193) revela toda a multiplicidade de variantes fonéticas e morfológicas que aparecem em parte *dispersas*, em parte *zoneadas*. A raiz do perfeito galego-portuguesa /ʃouβ-/ contrasta em primeira aproximação com a castelhana /ʃup-/. No entanto, mostra-se muito mais representativa para a GPS a raiz do perfeito híbrida /ʃouɸp-/, que mostra a ditongação galego-portuguesa, mas mantém a *fortis* conforme com o castelhano. Dentro do GEZ a IP GPS 32, que decorre exactamente com o *Rio Tuella*, separa a raiz híbrida no oeste da raiz lenisada no leste até a *Portela de Padornelo*²¹. A presença esporádica da raiz do perfeito castelhana /ʃup-/ do

²¹ Uma imagem superficial demais desenha FERNÁNDEZ REI 1990, *Dialectología*, p. 99: “No tema de perfecto *soub[-en, -èche(s)..., -èra..., -èse...]* forma áreas compactas no nordeste e occidente da Coruña, no sueste de Pontevedra, no suroeste de Ourense e mais no galego exterior.”

oeste da *Serra Segundeira* (p.e. *Pias* e *Vilanova da Serra*) acentua uma tendência à castelhanização do oeste do *Rio Tuela*, enquanto os pontos nos arredores da fronteira linguística galego-castelhana se agarram à raiz do perfeito galego-portuguesa. Isto é, segundo a nossa opinião, um resultado muito revelador porque contrasta justamente entre as *Portelas* a subsistência absoluta das raízes verbais galegas com a aparição mais frequente das desinências castelhanas. Em contrapartida, ao noroeste da zona de contacto directo aumenta a aceitação de influências castelhanas na raiz verbal, desta vez combinada sem excepção com desinências galegas.

5. CONCLUSÃO

As investigações efectuadas acerca do *escalamento das isoglossas na zona de contacto galego-português-espanhola (GPS)* puderam evidenciar que as fronteiras linguísticas analisadas não formam necessariamente um compacto *feixe de isoglossas*, e sim que os critérios diferenciais isolados manifestam a sua individualidade e uma variação diatópica própria. Assim, podem-se encontrar particularidades articulatórias lusófonas e hispanomorfas características no GEZ com uma arealidade diferenciada sem excluir a possibilidade de uma influência *recíproca* do vizinho linguístico com respeito a outros indícios. Nesta complexa situação dialectal, só uma análise que considera todos os distintos parâmetros fonético-fonológicos, morfológicos e léxicos pode contribuir para um esclarecimento satisfatório do emaranhado de isoglossas. De facto, o termo *emaranhado de isoglossas* parece-nos apropriado neste contexto porque, numa superposição *sinóptica* de todos os mapas linguísticos, a totalidade das isófonas, isomorfas e isoléxicas formaria uma complexa rede de linhas que simboliza a variação diatópica dos critérios diferenciais investigados. Como se distinguem contudo num tal emaranhado pequenos feixes de determinados grupos de parâmetros, seria mais exacto falar de um *escalamento espacial das isoglossas*.

6. BIBLIOGRAFIA RESUMIDA

- Álvarez Blanco, María Rosario: "Consideracións sobre a metafonía nominal galega", em: *Homenagem a Joseph Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*, publ. por Dieter Kremer, Niemeyer, Tübingen 1988, p. 141-157
- Boller, Fred: *Die Isoglossenstaffelung in der galicisch-portugiesisch-spanischen Kontaktzone und im Lombada-Aliste-Grenzgebiet*, Dialectologia pluridimensionalis romanica, Westensee, Kiel 1995
- Cortés y Vázquez, Luis: *El dialecto galaico-portugués hablado en Lubián (Zamora) – toponimia, textos y vocabulario*, Anejo de la Acta Salmanticensia VI/3, Universidad de Salamanca 1954
- Elizaincín, Adolfo: *Dialectos en contacto. Español y portugués en España y América*, Arca, Montevideo 1992

- Fernández Rei, Francisco: *O verbo. Contribución á dialectoloxía galega*, 2 vols. & 1 álbum de 323 mapas, Tese de doutoramento (iné dita), Facultade de Filoloxía da Universidade de Santiago de Compostela 1979
- Fernández Rei, Francisco: “Conservadurismo e innovación no sistema de desinencias verbais do galego: o perfecto”, em: *Actes du XVIIIème Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Université de Trier (Trèves) du 19 au 24 mai 1986*, publ. por Dieter Kremer, Niemeyer, Tübingen 1986
- Fernández Rei, Francisco: *Dialectoloxía da lingua galega*, Xerais, Vigo 1990
- García, Constantino: “Os estudos dialectais do galego”, em: *Grial 62, Revista Galega de Cultura*, Galaxia, Vigo 1978, p. 458-464
- García de la Torre, José Manuel: “Estudios sobre el gallego hablado en la provincia de Orense”, em: *Revista de la Universidad de Madrid XII*, Madrid 1963, p. 7-62
- González González, Manuel: “Subsistemas de sibilantes no galego actual”, em: *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes; Université de Trèves (Trier) 1986*, publ. por Dieter Kremer, vol. 3: Grammaire diachronique et histoire de la langue – Dialectologie et géographie linguistique – Textes non-littéraires, Niemeyer, Tübingen 1991, p. 531-548
- Instituto da Lingua Galega: *Atlas Lingüístico Galego (ALGA), Vol. I, Morfoloxía verbal*. C. García e A. Santamarina (directores), F. Fernández Rei (coordinador e redactor), R. Álvarez Blanco e M. González González, Fundación P. Barrié de la Maza, A Coruña 1990
- Instituto da Lingua Galega / Real Academia Galega: *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*, Artes Gráficas Galicia, Vigo 1989
- International Phonetic Association: “Report on the 1989 Kiel Convention”, em: *Journal of the International Phonetic Association 19:2*, 1989, p. 67-80
- Krüger, Fritz: *Die Gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete, Beiträge zur spanischen und portugiesischen Volkskunde*, Friederichsen & Co., Hamburg 1925
- Krüger, Fritz: “Mezcla de dialectos”, em: *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal. Miscelánea de Estudios Lingüísticos, Literarios e Históricos II*, Hernando, Madrid 1925, p. 121-166
- Krüger, Fritz: “El perfecto de los verbos en -ar en los dialectos de Sanabria y de sus zonas colindantes”, em: *Revista de Filología Española XXXVIII*, Instituto “Miguel de Cervantes”, Madrid 1954, p. 45-82
- Krüger, Fritz: “Aportes a la fonética dialectal de Sanabria y de sus zonas colindantes (con tres mapas lingüísticos)”, em: *Revista de Filología Española XLVIII*, Instituto “Miguel de Cervantes”, Madrid 1965, p. 251-282

- Lorenzo, Ramón: “Algunhas consideracións sobre a evolución do sistema consonántico do galego medieval ó moderno”, em: *Sprache, Literatur und Kultur Galiciens, Akten des 2. gemein-samen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik (Berlin, 10.-12. September 1992)*; Separata de *Lusorama*, 1ª série, Estudos de Linguística portuguesa, 4º volume, parte lusitanística, tomo 1, publ. por Johannes Kabatek e Axel Schönberger, TFM / Domus Editoria Europaea, Frankfurt am Main 1993, p. 13-26
- Lüdtke, Helmut: *Geschichte des romanischen Wortschatzes, I: Wandlungen innerhalb der Romania von der Antike bis zur Gegenwart, II: Ausstrahlungsphänomene und Interferenzonen*, Freiburg 1968
- Lüdtke, Helmut: “Die Alphabetschrift und das Problem der Lautsegmentierung”, em: *Phonetica* 20, 1969, p. 147-176
- Lüdtke, Helmut: “Explicación del doble resultado de los grupos CL-/PL-/FL- en la Península Ibérica, em: *Lletres Asturianas* 21, Academia de la Llingua Asturiana, Uviéu 1986, p. 7-16
- Maia, Clarinda de Azevedo: *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra 1986
- Noia Campos, María Camiño: “Aportacións ó estudio dos resultados -ano, -ana, -án, -á, -ao en galego”, em: *Senara I, Revista de Filoloxía*, Colexio Universitario de Vigo 1979, p. 61-96
- Pérez Pascual, José I.: “Observaciones en torno a la desaparición de la -N- intervocálica en gallego”, em: *Verba* 9, *Anuario Galego de Filoloxía*, Facultade de Filoloxía da Universidade de Santiago de Compostela 1982, p. 201-213
- Pinto, Adelina Angélica: *Isófonas e isoléxicas portuguesas: perspectivas sincrónicas e diacrónicas (com 27 mapas)*, Dissertação de licenciatura, Coimbra 1973
- Prieto Alonso, Domingos: “Fonoloxía e morfoloxía das formas dialectais en -as e -ans”, em: *Grial* 91, *Revista Galega de Cultura*, Galaxia, Vigo 1986, p. 102-106
- Rodríguez Lago, Mari Carmen: *Léxico dialectal y costumbres de Porto*, Memoria de licenciatura (iné dita), Facultade de Filosofía e Letras da Universidade de Santiago de Compostela 1974
- Santamarina Fernández, Antón: “A dialectoloxía galega: historia e resultados”, em: *Tradición, actualidade e futuro do galego. Actas do Coloquio de Tréveris do 13 ó 15 de novembro*, publ. por Dieter Kremer e Ramón Lorenzo, Xunta de Galicia, Concellería de Cultura, Santiago de Compostela 1982, p. 153-187
- Santos, Maria José de Moura: *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, Separata da Revista Portuguesa de Filologia XII, Instituto de Estudos Românicos, Facultade de Letras da Universidade de Coimbra 1967

- Taboada Cid, Manuel: “Afinidades lingüísticas galego-portuguesas na fronteira de Ourense (I): notas fonético-morfolóxicas sobre as nasais”, em: *Senara I, Revista de Filoloxía*, Colexio Universitario de Vigo 1979, p. 107-125
- Vasconcelos, José Leite de: “Dialectos trasmontanos”, en: *Revista Lusitana II/III*, Arquivo de Estudos Filológicos e Etnográficos relativos a Portugal, Porto/Lisboa 1890-92/95, p. 97-120 e p. 57-74
- Vasconcelos, José Leite de: “Linguagens fronteiriças de Hespanha e Portugal”, em: *Revista Lusitana VII*, Arquivo de Estudos Filológicos e Etnográficos relativos a Portugal, Porto/Lisboa 1902, p. 133-145
- Vasconcelos, José Leite de: “Linguagens fronteiriças”, em: *Revista Lusitana 33*, Arquivo de Estudos Filológicos e Etnográficos relativos a Portugal, Porto/Lisboa 1935, p. 307-309







































